

SOCIOLOGÍA DE LA EDUCACIÓN: DESIGUALDAD SOCIAL, POLÍTICA EDUCATIVA, EXPERIENCIAS ESCOLARES Y TRAYECTORIAS JUVENILES DE VIDA

Leopoldo Cabrera (Coord.)

MONOGRAFIES & APROXIMACIONS
Institut de Creativitat i Innovacions Educatives

N14



Monografies & Aproximacions, n^o 14

Títol: Sociología de la Educación. Desigualdad social, política educativa, experiencias escolares y trayectorias juveniles de vida

Coordinación: Leopoldo Cabrera

Col·lecció dirigida per Rosa Isusi-Fagoaga i Ricard Silvestre Vañó.

© Del text: *els seus autors*

© De la edició: Institut de Creativitat i Innovacions Educatives de la Universitat de València, 2019.

Disseny de portada: Silvia Costa

Coordinadora editorial: Rosa Isusi-Fagoaga

ISBN: 978-84-09-15398-5

4

A excelência na escola e no mundo do trabalho: ideários e dinâmicas em colisão?

Excellence in school and the world of work: ideals and dynamics in collision?

Leonor L. Torres

leonort@ie.uminho.pt

Centro de Investigação em Educação (CIEEd) da Universidade do Minho. Portugal

Abstract: This text aims to discuss the meaning of the meritocratic agenda in the educational sphere and its relationship with the workplace. First, the aim is to reflect on the development of the meritocratic culture in the school system and its effects on the access of young people into the labor market. In a second moment, a critical approach is taken to the conceptions of excellence valued in the school universe and in the labor market. From the methodological point of view, we use quantitative data (an extensive method, focused on the analysis of the rituals of distinction implemented in the state school) and qualitative (intensive method, based on four case studies) collected for a research developed between 2012 and 2015. The results show that excellence has become an important reference in the life of contemporary institutions, being possible to signal its effects on the ways of regulating education and work. On the other hand, it can be seen that the model of excellence induced by school culture is based on values and dispositions not always reconcilable with the model of excellence required by work organizations.

Keywords: School excellence; meritocracy; education and work

Resumo: Este texto visa debater criticamente os sentidos da agenda meritocrática na esfera educativa e sua relação com o mundo do trabalho. Num primeiro momento, procura-se refletir sobre o desenvolvimento da cultura meritocrática no sistema escolar e os seus efeitos ao nível da inserção dos jovens no mercado de trabalho. Num segundo momento, avança-se para uma abordagem crítica das conceções de excelência valorizadas no universo escolar e no mundo do trabalho. Do ponto de vista metodológico, recorre-se a dados de natureza quantitativa (método extensivo, focado na análise dos rituais de distinção implementados na escola pública) e qualitativa (método intensivo, baseado em quatro estudos de caso) recolhidos no âmbito de um projeto de investigação desenvolvido entre 2013 e 2015. Os resultados revelam que a excelência se tornou num importante referencial na vida das instituições contemporâneas, sendo possível sinalizar os seus efeitos nos modos de regulação da educação e do trabalho. Por outro lado, constata-se que o modelo de excelência induzido pela cultura escolar assenta em valores e disposições nem sempre conciliáveis com o modelo de excelência requerido pelas organizações de trabalho.

Palavras-chave: Excelência escolar; meritocracia; educação e trabalho

1. Introdução

A escola pública portuguesa tem vindo progressivamente a incorporar um ideário meritocrático focado na produção de resultados e na celebração da excelência como ritual de distinção. Paralelamente, no mundo do trabalho assiste-se a um movimento inverso, permeado por discursos valorizadores de uma formação integral e humanista, com forte pendor nos conhecimentos transversais e não formais como marca distintiva dos perfis profissionais. Como compreender estas dinâmicas de sentido aparentemente contraditório?

Este texto procura debater os sentidos da agenda meritocrática na esfera educativa e sua relação com o mundo do trabalho. Do ponto de vista metodológico, esta abordagem beneficia de um acervo alargado de dados empíricos recolhidos no âmbito do projeto PTDC/IVC-PEC/4942/2012 - *Entre Mais e Melhor escola: a excelência académica na escola pública portuguesa*, desenvolvido entre 2013 e 2015. Num primeiro momento, apresenta-se um breve enquadramento teórico, destacando a expansão da cultura meritocrática e seus efeitos ao nível da inserção dos jovens no mercado de trabalho. Num segundo momento, analisam-se as conceções de excelência mais valorizadas no universo escolar, tomando como referência empírica o perfil dos alunos com elevados desempenhos académicos no ensino secundário público e a sua transição para o ensino superior. Por último, reflete-se sobre o perfil de excelência valorizado no mundo do trabalho e a sua (des)conexão com os processos de escolarização.

Os resultados finais da investigação evidenciaram o quanto a excelência se vem tornando num importante referencial na vida das instituições contemporâneas, sendo possível sinalizar os seus efeitos nos modos de regulação da educação e do trabalho. Por outro lado, também parece claro que o modelo de excelência induzido pela cultura escolar assenta em valores e disposições nem sempre conciliáveis com o modelo de excelência requerido pelas organizações de trabalho.

2. A exaltação da qualidade e da excelência na escola e no trabalho

No decurso das três últimas décadas o processo de escolarização em Portugal sofreu alterações significativas, em resultado do alongamento da escolaridade obrigatória e do prolongamento da jornada escolar. O sistema escolar foi objeto de uma crescente complexificação, observável a diferentes níveis:

- i. a nível político, destaque para as novas formas de regulação da educação, que introduziram outras lógicas e parceiros na gestão educativa, sem que se tenha assistido à alteração da natureza centralizadora da administração da educação (Barroso, 2005; Lima, 2011)
- ii. a nível organizacional, assistiu-se à constituição dos agrupamentos (*school clusters*), à implementação de um novo modelo de direção (unipessoal), à intensificação dos mecanismos de controlo e de prestação de contas (Lima y Sá, Org., 2017; Afonso, 2018);
- iii. a nível pedagógico, assistiu-se à crescente diversificação do público escolar e à proliferação de atividades escolares e não escolares.

Paralelamente a este processo de complexificação, multiplicaram-se as pressões para a obtenção de elevados padrões de qualidade e aumento da eficiência do sistema. Embora no

plano discursivo se valorize a conciliação dos mandatos democrático e meritocrático, o resultado combinado das múltiplas pressões sobre a escola (do Estado, da comunidade e do mercado) potencia o desenvolvimento de uma cultura cada vez mais rendida ao culto da meritocracia (cf. Torres, Palhares y Afonso, 2018). Neste jogo de difícil conciliação entre princípios e valores, a produção de resultados parece prevalecer no plano das prioridades da organização escolar. O processo de massificação escolar vivenciado em Portugal nas décadas de oitenta e noventa do século XX parece ter cedido lugar a preocupações de ordem racionalizadora. Embalado pelo espírito dos tempos globalizados, o sistema educativo não fica imune às influências do paradigma da nova gestão pública. Cada vez mais voltada para as aprendizagens individuais e para o domínio de competências cognitivas e úteis, a escola tende a privilegiar pedagogias transmissivas e reprodutoras (Magalhães y Stoer, 2002; Torres, 2011) como garante da performatividade académica. Ao serviço dos ditames impostos pelos exames nacionais, as metodologias de ensino focam-se na maximização dos resultados, privilegiando o treino intensivo dos alunos na realização de exercícios propostos pelo IAVE. Por sua vez, como demonstraram algumas pesquisas recentes (Torres y Palhares, Org., 2017), o ofício do aluno ajusta-se às novas exigências pedagógicas, passando a incorporar um ideário performativo: práticas de estudo intensivas e baseadas na memorização, recurso a explicações extra-escolares, frequência de atividades educativas complementares (música, escolas de línguas, desporto), afastamento da vida escolar para além das atividades estritamente curriculares.

O culto da meritocracia estende-se igualmente ao mundo laboral, tornando ainda mais complexa e contraditória a relação entre educação e trabalho. A presença de uma orientação política de pendor vocacionalista e economicista, que tende a responsabilizar o sujeito pela sua formação ao longo da vida e pela correlativa capacidade de se tornar *empregável* (Stoer, Stoleroff y Correia, 1990; Lima, 2012) ou *inempregável*, põe a nu as eventuais correspondências entre a qualificação escolar e a inserção no mundo do trabalho, bem como entre os níveis de desempenho académico e os padrões de exigência profissional (e.g. Brown y Hesketh, 2004; Sennett, 2006; Castilla y Bernard, 2010). Perante conjunturas de crise económica, que se vão acentuando com mais ou menos intensidade nas últimas duas décadas, o mundo do trabalho tende a reger-se por orientações mais seletivas ao nível do recrutamento e seleção, privilegiando competências diferenciadoras e exclusivas (apenas) de alguns. Para além da certificação académica, valoriza-se, por exemplo, o prestígio da instituição conferente do grau, a posse de capital cultural e relacional (traduzido em viagens, leituras, redes de sociabilidade, fluência de línguas) e a experiência de internacionalização. O exercício de uma atividade profissional, nos momentos de crise mais acentuada, é considerado um privilégio apenas ao alcance de alguns, criando-se, assim, a imagem de que apenas uma elite (académica ou social) a ele poderá aceder. A exaltação da qualidade, da excelência e do mérito no espaço escolar e no mundo do trabalho emerge, doravante, como estratégia salvífica, socialmente legitimada (Tenret, 2011), mesmo que implique o esbatimento das funções democratizadoras da escola.

3. O perfil de excelência no ensino secundário

Os dados recolhidos no âmbito do projeto de investigação recentemente concluído sobre a excelência académica na escola pública portuguesa (Torres y Palhares, Orgs., 2017) apontam para um perfil de excelência escolar ancorado fundamentalmente nas dimensões cognitivas

evidenciadas nos desempenhos dos alunos nas avaliações internas e nos exames nacionais. A incorporação de uma agenda política e pedagógica de natureza performativa tem contribuído, sobretudo ao nível do ensino secundário, para o desenvolvimento de uma cultura de escola centrada nas dimensões instrutivas e seletivas. Inúmeras evidências empíricas traduzem a crescente valorização dos resultados e a sua utilização como variável de gestão. Por exemplo, a implementação generalizada de rituais de distinção dos melhores alunos configura um poderoso mecanismo de socialização para a performatividade, com efeitos empiricamente observáveis ao nível da promoção de um clima pedagógico e de uma cultura de escola focada nos resultados (cf. Torres y Quaresma, 2017; Quaresma y Torres, 2017). Este ritual condiciona os modelos de ensino-aprendizagem, as práticas de avaliação e os hábitos de estudo, favorecendo a ativação de determinadas disposições individuais e coletivas, no sentido proposto por Lahire (2003, 2004).

Os resultados obtidos através de um inquérito por questionário administrado a alunos de quatro escolas com diferentes níveis de desempenho – universo dos alunos excelentes, com classificações entre 18 e 20 valores (n=200) e amostra de alunos com níveis de desempenho abaixo de 18 valores (n=822) – revelaram alguns traços associados ao perfil de excelência identificado nestas quatro escolas. Qual o retrato sociográfico dos alunos excelentes? Ancorado em múltiplas dimensões (socioculturais, políticas, organizacionais, pedagógicas e de sociabilidade), o perfil de excelência é apresentado a partir de quatro interrogações principais.

De onde vêm e o que pretendem seguir?

Os alunos academicamente mais bem-sucedidos (com médias internas iguais ou superiores a 18 valores) provêm de famílias bem posicionadas profissionalmente e com elevadas qualificações escolares, o que se repercute numa taxa reduzida de apoios da ação social. Esta correlação entre o capital cultural e os resultados académicos apresenta valores ainda mais significativos quando associados ao indicador socioprofissional e escolaridade das mães, reforçando as tendências apontadas em vários estudos sobre o papel das mães no percurso escolar dos filhos. Os melhores resultados são obtidos por alunos matriculados na área de Ciências e Tecnologias, com perspectivas de ingressar no ensino superior em cursos socialmente prestigiados, designadamente Medicina, Engenharia Mecânica, Economia e Direito.

Qual a relação com a organização escolar?

A formação desta elite académica parece restringir-se ao espaço letivo (sala de aula), ocorrendo à margem dos demais espaços escolares de educação não formal e informal da escola: por exemplo, a integração na Associação de Estudantes e em projetos e/ou clubes é diminuta, bem como a participação nos órgãos da escola (Conselho Geral e Conselho de Turma). Os alunos excelentes tendem a ser mais ativos como delegados de turma (o que pressupõe ter assento nos Conselhos de Turma), podendo tal facto estar associado ao seu *status* académico advindo das excelentes classificações e dos prémios escolares auferidos.

Qual o método de estudo?

Os elevados desempenhos aparecem fortemente associados à intensidade e método de estudo. O número de horas dedicado ao estudo – sozinhos ou acompanhados pelo professor-explicador (fora da escola) – constitui um fator diferenciador com efeitos claros na obtenção de elevados resultados. O desenvolvimento de uma ética individual de trabalho, assente no esforço diário, na memorização e no treino intensivo de exercícios, parece caracterizar o ofício do aluno. Por outro

lado, ao nível do comportamento em sala de aula, constata-se a assunção de um papel mais interventivo, participativo e competitivo, ao contrário da postura dos alunos não distinguidos, tendencialmente mais executores das tarefas propostas pelos professores. Se, na condição de aluno, emerge um perfil performativo, cimentado em investimentos solitários e focados no estudo, na condição de estudante, ressalta um perfil alienado da participação e vivência na organização. Resta, portanto, saber qual o perfil deste estudante enquanto jovem e quais os espaços de participação fora da escola.

Que tipo de sociabilidades?

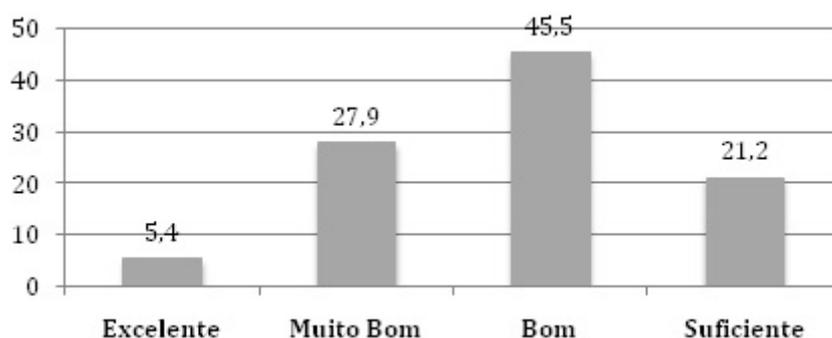
O que verdadeiramente parece unir estes estudantes é justamente a sua condição de jovem, refletida nas mesmas preferências de lazer e tempos livres e no gosto pelo desporto e exercício físico. Esta convergência de preferências, emblemática do estilo e culturas juvenil, contrasta claramente com os distintos ofícios de aluno/estudante e seus investimentos no percurso escolar. Contudo, a frequência de atividades fora da escola por parte dos alunos mais bem-sucedidos apresenta algumas especificidades que se conectam com a agenda performativa: a frequência de explicações e de escolas/institutos de línguas constituem atividades de reforço do programa escolar (Palhares, 2014a, 2014b, 2017); inversamente, a dedicação a atividades escutistas e religiosas parecem não atrair estes alunos, comparativamente com o interesse manifestado pelos colegas com mais baixos desempenhos.

4. O processo de transição para o ensino superior

Sendo certo que o investimento académico dos alunos e das famílias nas fileiras performativas do ensino secundário visa, em primeiro plano, garantir o acesso, a transição e sucesso no ensino superior, importa questionar se tal pressuposição se confirma na realidade. Será que os percursos de distinção académica garantem o ingresso imediato nos cursos pretendidos no ensino superior? Até que ponto o ideal de excelência promovido pela cultura escolar favorece o desempenho académico no ensino superior?

As questões acima colocadas orientaram a realização de estudo longitudinal das trajetórias pós-secundárias dos alunos distinguidos em três das escolas secundárias estudadas (n=567). O acompanhamento da transição para o ensino superior revelou que 27% destes alunos não chegaram a ingressar no par estabelecimento/corso desejado como 1ª opção, mesmo após várias tentativas nas diversas fases do concurso nacional de acesso (Borges & Torres, 2017, 2018). Ou seja, mesmo os melhores alunos, que foram sucessivamente distinguidos no ensino secundário, manifestaram dificuldades no acesso ao curso superior pretendido. A exemplaridade académica que marcou a escolaridade secundária cedeu lugar a percursos marcados por percalços e descontinuidades na universidade. Quando questionados sobre os níveis de desempenho nos diferentes cursos que frequentam, as respostas confirmam um abaixamento significativo das performances académicas (cf. gráfico 1): 46% afirma não passar do nível “Bom” e apenas 28% do nível “Muito Bom”. De realçar que a percentagem de alunos que se avaliou como “Excelente” foi significativamente baixa (5%). Se agruparmos os níveis de avaliação em duas categorias, o resultado é claramente revelador da diminuição do desempenho académico: 67% dos estudantes obteve classificações situadas entre o “suficiente” e o “Bom” e 33% entre o “Muito Bom” e “Excelente”.

Gráfico 1 - Nível de desempenho [%] dos estudantes distinguidos no ensino superior (N=401)



Fonte: Inquérito por questionário administrado aos alunos do quadro de excelência de três escolas em 2016/17.

O desenvolvimento de um protótipo de excelência parcelar e restrito às esferas cognitivas e ao mérito individual não pode ser dissociado de uma agenda política global favorável à expansão da performatividade das organizações. A pressão para a produção de resultados é intensificada por via de várias orientações e dispositivos – modelo de gestão e liderança, processos de avaliação externa e interna, generalização dos exames nacionais, disseminação das novas tecnologias, ... – com efeitos significativos ao nível das dinâmicas pedagógicas. O regresso às pedagogias reprodutoras e transmissivas e a prevalência das aprendizagens formais baseadas na memorização e replicação configuram o quadro de fundo em que o ofício do aluno se desenvolve e, através dele, sedimenta um *ethos* performativo, ou na perspetiva de Lahire, uma *disposição para agir*. A noção de disposição supõe a ideia de “recorrência, de repetição relativa, de série ou de classe de acontecimentos, de práticas...” (Lahire, 2004: 27), que são incorporadas pela socialização, neste caso, desenvolvida e reforçada em contexto escolar.

4. O perfil da excelência no mundo do trabalho

A vasta literatura produzida sobre as políticas de gestão de recursos humanos tem realçado as inúmeras mudanças ocorridas nas culturas de trabalho, seja ao nível dos valores e ideologias, seja no plano das práticas e competências profissionais. Num ensaio publicado em 2006, sugestivamente intitulado *A cultura do novo capitalismo*, Richard Sennett refletia sobre o ideal cultural requerido pelas instituições de trabalho da era global, sublinhando a emergência de uma nova ética de trabalho e de novas crenças no mérito e no talento. Decorrida pouco mais de uma década sobre esta (ante)visão, a análise do autor alcançou uma nova centralidade. Efetivamente, os três pilares do modelo cultural identificado – o *tempo*, o *talento* e a *renúncia* – constituem atualmente os principais desafios a enfrentar pelos trabalhadores da nova economia global que, tal como preconizava Sennett, acabaram por exercer um impacto moral e normativo sobre o mundo do trabalho. Considerando a relevância destes desafios na reconfiguração do mundo do trabalho, sinalizam-se, de forma breve, alguns tópicos a propósito das variações da narrativa da excelência, na educação e no trabalho.

Num contexto marcado pela instabilidade e fragmentação das organizações de trabalho, o primeiro desafio que se coloca aos trabalhadores relaciona-se com a dimensão *tempo*. A substituição do

emprego estável e duradouro por trabalhos e ocupações incertas e instáveis exige capacidades de (auto)gestão do curto prazo e de improvisação do curso da vida, que não se coadunam com a lógica do tempo longo da socialização escolar e com a racionalidade estratégica orientada para os resultados. O segundo desafio, o *talento*, prende-se com a capacidade potencial de aprender continuamente, enquanto uma estratégia de adaptação à mudança e à rotatividade permanente das funções. O compromisso com o trabalho assente na ideia de perfeccionismo, rigor e domínio de uma tarefa cede lugar a “uma ideia de meritocracia que celebra mais a capacidade potencial do que os desempenhos do passado” (Sennett, 2006: 15). O último desafio, a *renúncia*, remete para a capacidade de desprendimento em relação ao passado e à experiência vivida, incluindo as glórias e as conquistas. Como o próprio autor sublinha, este perfil ideal requerido pelas instituições de trabalho esbarra com resistências culturais, desde logo, advindas dos trabalhadores mais antigos. Mas o que importa aqui destacar é o contraste entre referenciais de excelência: de um lado, o perfil de trabalhador ideal valorizado no mundo de trabalho – “um eu orientado para o curto prazo, centrado na capacidade potencial, disposto a abandonar a experiência do passado” (Sennett, 2006: 15) – e, de outro lado, o perfil de excelência sedimentado nas instituições escolares – um eu orientado para o longo prazo, centrado em competências específicas e preso à experiência e saberes apreendidos.

O quadro 1 apresenta algumas dimensões associadas aos ideais de excelência referenciáveis aos dois mundos (escola e trabalho), numa tentativa de ilustrar alguns paradoxos daqui emergentes que podem estimular a reflexão.

Quadro 1 – Ideal de excelência na escola e no trabalho

	Excelência na Escola	Excelência no Trabalho
Foco	Resultados académicos	Resultados no desempenho, produtividade
Avaliação	Testes e exames nacionais	Avaliação de desempenho
Estratégias	Treino intensivo; trabalho individualizado; explicações	Trabalho em equipa, liderança, relacionamento interpessoal, cooperação
Competências	Memorização, reprodução, replicação	Adaptação a mudanças, reciclagem e reatualização permanente
Perfil ideal-típico	Persistência, empenho, esforço, concentração	Dinâmico, empreendedor, flexível, criativo, inovador
Imaginário	Segurança, eleição, celebração, trajetória límpida	Incerteza, risco, polivalência, ruturas sucessivas

Se na escola, a estratégia adotada para garantir elevados desempenhos se centra no treino intensivo e trabalho individualizado, com reforço de apoios externos (explicações), ao contrário, no mundo do trabalho, a estratégia prevalecente tende a incidir sobre o trabalho em equipa, habilidades de liderança e relacionamento interpessoal. A estratégia escolar amplia as competências de memorização, reprodução e replicação, consideradas fundamentais à interiorização de uma ética de trabalho assente na persistência, empenho, esforço e concentração. Por sua

vez, a estratégia mobilizada em contexto de trabalho desenvolve a capacidade de adaptação a mudanças e a reatualização permanente, com vista à construção de um perfil dinâmico, criativo, flexível e empreendedor. Enquanto na escola o imaginário dos jovens se constrói a partir de atos de celebração de percursos límpidos e lineares que conferem segurança, no mundo do trabalho, o imaginário é quotidianamente ameaçado por sentimentos de incerteza, risco e ruturas sucessivas.

Ao contrário do que se possa supor, este exercício comparativo não pretende veicular a ideia de ajustamento do mundo escolar às lógicas do mundo do trabalho, já amplamente discutida na literatura sociológica, mas antes aduzir um outro olhar sobre o alcance democratizador da escola no quadro mais vasto da sociedade contemporânea. Ao converter-se num referencial orientador e legitimador do sistema educativo, a narrativa da excelência, nos moldes em que está a desenvolver-se na escola pública, poderá gerar alguns equívocos e ilusões democratizadoras. A hierarquização do valor das distintas competências contribui para a sacralização de uma visão unidimensional da excelência que amplia os efeitos do veredicto escolar, seja ele o da consagração do mérito ou de condenação do fracasso escolar [cf. Bourdieu, 1987]. Todavia, o ideal-tipo de sucesso promovido pelo sistema público de ensino parece deixar de fora outras vertentes da educação e da aprendizagem igualmente determinantes da mobilidade social, sobretudo para os alunos provenientes de estratos socioeconómicos mais desfavorecidos.

Nestas circunstâncias, a elite académica construída na escola pública, mesmo que constituída por alunos oriundos de contextos mais desfavorecidos, poderá estar a amputar as possibilidades de uma democratização cultural mais ampla, fundamental ao exercício de uma cidadania plena. Por outras palavras, o processo de democratização escolar não se restringe apenas à universalização do *acesso* (ao conhecimento mais valorizado pela cultura escolar); tão-pouco se reduz à democratização do *sucesso*, sobretudo quando o epicentro das trajetórias bem-sucedidas gravita em torno dos resultados académicos. A chave determinante da democratização da educação reside no potencial transformador do sistema escolar, isto é, na sua capacidade de trabalhar e atenuar as desigualdades sociais, não somente no interior da escola, mas igualmente no processo de integração social. E a questão que se impõe é justamente a de saber se o foco nos resultados não estará a fragilizar o processo de educação e formação dos alunos oriundos de posições sociais, culturais e económicas mais desfavorecidas que, na verdade, ficarão em desvantagem competitiva na vida social e do trabalho.

5. Notas finais

O ressurgimento da ideologia meritocrática associada ao culto da excelência como valor inquestionável e auto justificativo dos percursos escolares e das carreiras profissionais coloca, hoje, novos desafios ao processo de democratização do sistema público de ensino. Os resultados de pesquisa mostraram que o modelo de excelência induzido pela *cultura escolar*, ainda que diferentemente apropriado pelas escolas, assenta em valores e disposições nem sempre conciliáveis com o modelo de excelência requerido pelas organizações de trabalho. Alguns exemplos inquietantes foram sublinhados neste capítulo: na escola, a ênfase colocada no individualismo contraria a valorização da cooperação no trabalho; as metodologias reprodutoras chocam com o apelo à criatividade; o enfoque nas competências técnicas e instrumentais rompem com a atual procura de talentos e de capacidades potenciais (Sennett, 2006).

A matriz educativa plasmada nos vários diplomas legais, com particular incidência na Lei de Bases do Sistema Educativo, valoriza uma educação escolar ampla e integradora, que parece já não inspirar a agenda da escola pública contemporânea. A questão que se impõe e para a qual não se vislumbra resposta imediata é a de saber se esta matriz plasmada no edifício normativo nacional estará desfocada do que socialmente se entende ser a atual missão da educação escolar ou, pelo contrário, estará a educação escolar a desviar-se da sua missão principal. Vale, pois, a pena dirigir o olhar para os fundamentos e os fins do programa educacional, independentemente do seu contexto histórico-cultural, procurando respostas à pergunta “de que falamos quando falamos de educação?” (Palhares, 2014b: 80). Recentrar o debate nesta narrativa nuclear, simultaneamente densa e opaca, ajudaria a superar os efeitos dispersivos que caracterizam a discursividade e a ação educacional.

Agradecimentos

Este trabalho é financiado pelo CIEd - Centro de Investigação em Educação, projeto UID/CED/01661/2019, Instituto de Educação, Universidade do Minho, através de fundos nacionais da FCT/MCTES-PT.

Referência bibliográficas

Afonso, Almerindo J. (2018). “O diretor enquanto gestor e as diferentes pressões e dilemas da prestação de contas na escola pública” em *Roteiro* (Joaçaba), Edição Especial, pp. 327-344.

Barroso, João (2005). *Políticas educativas e organização escolar*, Lisboa, Universidade Aberta.

Borges, Germano y Torres, Leonor L. (2017). “A *Excelência em Transição*: As Dinâmicas de Acesso ao Ensino Superior de Estudantes Distinguidos no Ensino Secundário” em Carvalho, G. S. y Dionísio, M. L. (Orgs.) *II ENJIE – Encontro Nacional de Jovens Investigadores em Educação*, Braga, Centro de Investigação em Estudos da Criança e Centro de Investigação em Educação da Universidade do Minho, pp. 71-78.

Borges, Germano y Torres, Leonor L. (2018). “O acesso ao ensino superior público de estudantes distinguidos no ensino secundário: (des)continuidades de percursos” em Pinhal, J., Cavaco, C., Cardona, M.J., Costa, F., Marques, J. y Faria, R. (Orgs.) *A Escola: Dinâmicas e Atores. Atas do XXIV Colóquio da AFIRSE Portugal*, Lisboa, AFIRSE Portugal e Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, pp. 202-212.

Brown, Phillip y Hesketh, Anthony (2004). *The Mismanagement of talent. Employability and jobs in the knowledge economy*, New York, Oxford University Press.

Castilla, Emilio J. y Benard, Stephen (2010). “The paradox of meritocracy in organizations” em *Administrative Science Quarterly*, nº. 55, pp. 543-576.

Collège de France/Bourdieu, Pierre (1987). “Propostas para o ensino do futuro” em *Cadernos de Ciências Sociais*, nº. 5, pp. 101-120.

- Lahire, Bernard (2003). *O homem plural. As molas da ação*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Lahire, Bernard (2004). *Retratos sociológicos. Disposições e variações individuais*, Porto Alegre, Artmed.
- Laroque, Guy y Salanié, Bernard (2000). « Une décomposition du non-emploi en France » en *Economie et Statistique*, nº. 331, pp. 47-66.
- Lima, Licínio C. y Sá, Virgínio (Orgs.) (2017). *O governo das escolas. Democracia, controlo e performatividade*, Vila Nova de Famalicão, Edições Húmus.
- Lima, Licínio C. (2011). *Administração escolar: estudos*, Porto, Porto Editora.
- Lima, Licínio C. (2012). *Aprender para ganhar, conhecer para competir. Sobre a subordinação da educação na 'sociedade da aprendizagem'*, São Paulo, Cortez Editora.
- Magalhães, António y Stoer, Stephen R. (2002). *A escola para todos e a excelência académica*, Maia, Profedições, Lda.
- Palhares, José A. (2014b). "Centralidades e periferias nos quotidianos escolares e não-escolares de jovens distinguidos na escola pública" en *Investigar em Educação*, II.ª série, nº 1, pp. 71-102.
- Palhares, José A. (2014a). "A excelência académica na escola pública. Quotidianos escolares e não escolares de jovens enquanto alunos" en Torres, L. L. y Palhares, J. A. (Orgs.) *Entre mais e melhor escola em democracia. A inclusão e a excelência no sistema educativo português*, Lisboa, Mundos Sociais, pp. 5-26.
- Palhares, José A. (2017). "Os desempenhos académicos no ensino secundário: entre o centro e a periferia, entre o formal e o informal" In Torres, L. L. y Palhares, J. A. (Orgs.) *A excelência académica na escola pública portuguesa*, Vila Nova de Famalicão, Fundação Manuel Leão.
- Quaresma, Maria L. y Torres, Leonor L. (2017). "Performatividade e distinções escolares: tendências internacionais e especificidades do contexto português", *Análise Social*, Vol. 224, LII (3.º), pp. 560-582.
- Sennett, Richard (2006). *A cultura do novo capitalismo*, Lisboa, Relógio D'Água Editores.
- Stoer, Stephen R.; Stoleroff, Alan, D. y Correia, José A. (1990) "O novo vocacionalismo na política educativa em Portugal e a reconstrução da lógica da acumulação" en *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº. 29, pp. 11-53.
- Tenret, Élise (2011). *L'école et la méritocratie. Représentations sociales et socialisation scolaire*, Paris, PUF.
- Torres, Leonor L. y Palhares, José A. (Orgs.) (2017). *A excelência académica na escola pública portuguesa*, Vila Nova de Gaia, Fundação Manuel Leão.
- Torres, Leonor L.; Palhares, José A. y Afonso, Almerindo J. (2018). "Marketing accountability e excelência na escola pública portuguesa: A construção da imagem social da escola através da performatividade académica" en *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, Vol. 26, nº 134, pp. 1-29.

Torres, Leonor L. (2011). "A construção da autonomia num contexto de dependências: Limitações e possibilidades nos processos de (in)decisão na escola pública" en *Educação, Sociedade & Culturas*, n.º. 32, pp. 91-109.

Torres, Leonor L. y Quaresma, Maria Luísa (2017). "The Meritocratic Ideal in Education Systems: The Mechanisms of Academic Distinction in the International Context" en *Education as Change*, Vol. 21, n.º. 1, pp. 13-30.

DOI: <http://dx.doi.org/10.17159/1947-9417/2017/490>